

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, \$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

SUMMARY:—*D. Antonio José Gomes Cardoso*—QUESTÕES ACTUAES: *A reforma da musica sacra em Portugal*—ESTUDOS HISTORICOS: *Roberto de Sorbon e a Edade Media*, pelo Padre João Vieira Neves Castro ua Cruz.—EGREJA BRACARENSE: *Catalogo dos Bispos e Arcebispos de Braga*.—VISÃO DOS TEMPOS ANTIGOS: *As sete ma-*

ravilhas do mundo (conclusão)—AS NOSSAS GRAVURAS.—DETUDOUM POVO.—RETROPECTO DA QUINZENA.

Gravuras:—*D. Antonio José Gomes Cardoso; Guimarães—Egreja de S. Francisco, Estatua de Pio IX, Real Collegiada da Oliveira, Egreja de S. Miguel do Castello.*



D. ANTONIO JOSÉ GOMES CARDOSO

BISPO DE ANGOLA E CONGO

“O Progresso Catholico,, rende hoje luctuosa homenagem ao Prelado modello que, arriscando impavido a sua vida no seio do continente negro, perdera-a no glorioso cumprimento do seu dever de Pastor da grei christã.

Honra e gloria seja dada á memoria do denodado Apostolo, inclito Missionario e corajoso soldado da invencivel milicia catholica!

Do Céu, onde com certeza já gozará da visão beatifica, justo galardão dos santos, abençoe-nos o seu gesto nimbado a todos nós; e nós sobre a sua memoria bemdita derramemos agora a indelevel lagrima da saudade.

QUESTÕES ACTUAES

A reforma da musica sacra em Portugal

S. Santidade Pio X, fiel ao seu lemma de *Omnia instaurare in Christo*, escreveu ha mezes um Motu-Proprio sobre a musica sacra. N'este documento importantissimo, tratava-se, como se sabe, da reintegração da musica religiosa á sua pristina pureza, dando-se regras e expondo-se conselhos para a final consecução d'este desiderato.

Tal documento foi recebido com o enthusiasmo e respeito que merecia semelhante desejo pontificio, formando-se desde logo as mais firmes tenções de seguil-o rigorosamente em todos os pontos.

Não é só dos nossos dias a tentativa para a restauração do canto ecclesiastico. Ha já meio seculo que no mundo artistico e religioso se debate esta questão.

O que é certo, porém, é que nunca do alto do Vaticano vieram ordens tão terminantes e solemnes como estas.

Eis o motivo porque não devem ficar estereis os desejos manifestos do Summo Pontifice.

Não são, no entretanto, exiguas as difficuldades que ha a vencer para restituir em pouco tempo a pureza primitiva do canto e musica de igreja, como o exige a magnitude do culto christão, pois se até, para tal fim, os proprios mestres ecclesiasticos necessitam de aprendizagem no estrangeiro afim de por uma vez poderem lecionar consoante os desejos pontificios.

E' certo que o nosso paiz precisa d'uma absoluta remodelação sobre o assumpto, merecendo por isso as attenções especiaes dos superiores.

A musica de igreja vocal e instrumental é realmente pavorosa, se realmente lhe podemos chamar musica.

Entretanto não se pode demolir o existente sem primeiro algo se ter edificado.

E assim, só depois de creadas as cadeiras de musica regidas pelos professores para isso habilitados, se poderá cabalmente corresponder ao motu-proprio de Pio X.

Se, porém, as instrucções do Summo Pontifice enthusiasmaram os artistas ou os que admiram as soberbas concepções da arte, outros ha que, refractarios a toda a esthetica se ella se oppõe á rotina, mostram-se indifferentes, irresolutos e até revoltados.

Bem se cançaram os jornaes catholicos em demonstrarem as bellezas do antigo canto gregoriano, a magnificencia da sua melodia, a sua sumptuosidade de molde á grandiosidade do culto catholico.

Tudo trabalho baldado. Parece que já foi ha seculos que se divulgou o notavel Motu-Proprio sobre a musica sacra, e quasi que até já nem se houve fallar n'elle.

Urge, pois, que esteja sempre na brecha esta questão, que se lembre incessantemente que foi um Pontifice inspirado que a manifestou, que se patenteie que é necessario banir de vez dos templos essa horrorosa matizada, tão impropria da profundidade magestática do culto catholico.

Uma primeira medida podia desde logo ter sido decretada: era a expulsão definitiva dos instrumentos metallicos do interior do santuario, o que é ainda trivial.

Na vontade dos rev.^{os} Parochos está a applicação d'esta medida, aconselhando-a, e com isso dava-se já um grande passo para a reforma, desfazendo-se algum tanto a rotina inveterada.

Expulse-se desde já, por uma vez, o «grande instrumental» das egrejas.

ESTUDOS HISTORICOS

Roberto de Sorbon e a Edade Media

N'um artigo, em que tratei do grande Roberto de Sorbon, fundador da eschola que do seu nome se chamou Sorbonica, notei que elle viveu na edade media, geralmente mal apreciada pelos auctores modernos, ainda que não por todos.

Essa chamada noite *tenebrosa* da edade media teve grande brilho na historia da humanidade. Apesar das invasões dos barbaros que, aniquilando todas as bibliothecas, roubaram á instrucção os ultimos meios que restavam, houve então muitos sabios, e sobretudo varões de santidade e de zelo verdadeiramente apostolico.

Os religiosos, em seus conventos, repararam em parte as perdas occasionadas pelos povos do norte, transcrevendo, no seio da pacifica solidão, as obras primas que a ignorancia não sabia respeitar.

Com justa rasão se póde affirmar que todos os restos de amor do estudo se haviam refugiado aos claustros. E igual facto se tem dado em todos os tempos.

Desenvolvamos este assumpto com relação á edade media, que se conta desde a queda do imperio do Occidente em 476, até á do imperio do Oriente em 1453. Segundo alguns escriptores foi então a edade de ignorancia, de barbaria, de superstição, de estupidez, de trevas, de obscurantismo. Em particular o seculo X é denominado *seculo de ferro*.

Mas esta apreciação, como eu disse e repito, é falsa. Tem-se mostrado que foi uma epocha que forneceu á historia da humanidade o seu tributo de gloria, de sciencia, de philosophia, e sobretudo de virtudes heroicas.

No mesmo seculo X, centro da edade media, houve muita illustração, e, o que é notavel, não appareceu então nenhuma nova heresia, ao passo que em todos os tempos anteriores e posteriores a essa epocha a Igreja luctou com novos erros, ou então nascidos, ou mais desenvolvidos dos antigos.

A Igreja tambem luctou na edade media, e ainda no mesmo seculo X; mas triumphou, como sempre tem triumphado e triumphará. E depois, em todo o caso, houve n'essa epocha muita piedade, profundas crenças, espirito religioso.

Por meio de factos solidos e averiguados tem-se apresentado ideias justas sobre essa epocha. Os espiritos ainda os mais rebeldes, tanto de catholicos como de protestantes, são obrigados a admitir, em lugar de escravidão e de trevas de que se accusam os tempos medievaes, a liberdade, a nobreza, as luzes e a grandeza moral que os distinguem.

Houve, sim, na edade media, injustiças, erros, miserias, mas isso tem havido sempre, em todos os seculos, nos mesmos que se dizem civilisados.

Segundo confessou o mesmo Littré, duas ideias poderosas dominaram no periodo medieval: a caridade christã representada pelo Pontifice, e a caridade politica representada pelo imperador.

E' certissimo que toda a influencia intellectual e moral da edade media provém do christianismo. A Igreja com o seu ensino e direcção das almas modificou os costumes pagãos, transformou a sociedade, creou uma nova consciencia publica e novas condições sociaes, impoz-se ás multidoes por suas ideias generosas, apostolisou as suas maximas pela fé, pelo enthusiasmo e pela abnegação.

D'este novo estado de coisas devia resentir-se a sciencia e a litteratura, como succedeu: e todos os factos claramente o demonstram.



Egreja de S. Francisco

Fallemos, porém, do século XIII, em que floresceu Roberto de Sorbon, successivamente conego de Cambrai e de Paris, capellão de S. Luiz, fundador do famoso collegio de Sorbona, que depois se converteu em Universidade.

No século XIII desenvolveu-se d'um modo extraordinario o movimento intellectual e religioso, que já se tinha manifestado em alguns seculos precedentes. Effectivamente, nos seculos XI e XII, e ainda nos anteriores depois da irrupção dos barbaros, a civilisação progrediu, e com ella todos os beneficios para a sociedade.

E' uma verdade innegavel, até confessada por varios escriptores philosophos e incredulos, que a religião catholica teve a principal influencia n'esse grande movimento da edade media.

Fizeram-se então oito cruzadas, celebraram-se varios concilios ecumenicos, florescêram mais de quarenta ordens religiosas, appareceram numerosos sabios, as artes produziram prodigios.

Ainda hoje admiramos os mais bellos monumentos gothicos, que datam d'essa epocha. Deu-se então um sublime impulso á santidade e a todas as virtudes.

Certamente não podemos negar a grandeza d'um seculo que produziu tantos sabios, a cuja frente brilham o doutor seraphico S. Boaventura, e sobretudo o doutor angelico Santo Thomaz de Aquino.

Fecundo pela fé, esse seculo não podia ser esteril quanto á sciencia; e de facto produziu uma multidão de personagens distinctos pelo seu saber. Muitos d'entre elles figuram no numero dos santos d'aquella epocha. Seria muito longo o simples relatorio dos seus nomes.

Temos, além de S. Boaventura e Santo Thomaz já citados, Santo Antonio de Lisboa, S. Raymundo de Peñaforte, Alexandre de Hales, Santo Alberto Magno, Hugo de S. Caro, Henrique de Sura, João Duns Scoto, Guilherme Durando, Rogerio Bacon, Raymundo Martini, Ulrico de Argentina...

E não esqueçam os grandes Pontifices Innocencio IV, Clemente IV, Gregorio X e Bonifacio VIII, que tanto brilharam por sua doutrina.

E os grandes centros de ensino, reunindo tudo quanto o talento e o saber tinham de mais distincto, e diffundindo depois raios luminosos para todos os lados!... Nomeei as universidades.

Ahi temos a eschola de Salerno, a de Bolonha, a de Paris, e as Universidades de Tolosa, de Salamanca, de Cambridge, de Montpellier, de Coimbra, de Sorbona, etc.

A universidade de Sorbona foi uma das mais bellas instituições da Egreja: firme sustentaculo da religião até aos seus ultimos dias, ella teve sempre homens illustres em sciencia e virtudes, cheios de zelo pela fé catholica.

Foi extinta pela Revolução franceza de 1789. E assim devia acontecer, porque a tal promotora das luzes da civilisação e do progresso, preegoira da liberdade, não podia consentir uma sociedade de homem sabios e religiosos. O seu maior crime era o saber e a orthodoxia.

E depois, a Sorbona não quiz reconhecer o Arcebispo intruso de Paris, fazendo uma declaração publica da sua antiga fé, da sua adhesão á cadeira de S. Pedro e ás doutrinas dos Santos Padres da Egreja. Nunca acceitou a chamada *Egreja Constitucional*, que não era outra coisa que uma sociedade de atheus de todas as ordens.

A igreja, a casa e as escholas de Sorbona foram restauradas em 1609, com uma magnificencia admiravel, pelo Cardeal Richelieu, que se immortalizou com esta obra. Alli foi collocada uma rica bibliotheca, Richelieu foi o segundo fundador de Sorbona.

Nada mais era preciso para que a Revolução a destruísse.

Uma instituição da idade media, com taes principios, sempre augmentada, não podia existir nos tempos de liberdade, quando triumphava a philosophia de Voltaire, de Rousseau e outros.

O que não acabou, nem acabará é a memoria do grande Roberto de Sorbon.

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.

EGREJA BRACARENSE

Catalogo dos Bispos e Arcebispos de Braga

II

ARCEBISPOS

- 1—S. Geraldo. Governou desde o anno 1096 até 1109.
- 2—D. Mauricio Burdino. Foi anti-Papa durante tres annos com o nome de Gregorio VIII e deposto depois de governar oito annos.
- 3—D. Paio Mendes.
- 4—D. João (I) Peculiar. Foi primeiramente bispo do Porto e companheiro de D. Affonso Henriques.
- 5—O Beato D. Godinho. Governou pelos annos de 1175 a 1181.
- 6—D. Martinho (II) Pires, que fôra bispo do Porto.
- 7—D. Pedro IV. Este prelado não foi confirmado.
- 8—D. Estevão Soares da Silva.
- 9—D. Sancho I.
- 10—D. Silvestre Godinho.
- 11—D. Gualterio.
- 12—D. João (II) Fgas.
- 13—D. Martinho (III) Geraldés.
- 14—D. Pedro (V) Julião. Renunciou o arcebispado antes do anno de 1276. Foi Papa durante alguns mezes com o titulo de João XXI.
- 15—D. Sancho I. Ignora-se se foi confirmado.
- 16—D. Ordonho. Governou desde 1276 a 1279.
- 17—D. Fr. Tello.
- 18—D. Martinho (IV) d'Oliveira.
- 19—D. João (III) Martins de Soalhães.
- 20—D. Gonçalo (II) Pereira.
- 21—D. Guilherme. Depois de 1358 passou para a Sé de Arles.
- 22—D. João Cordolaco. Pelos annos de 1371 passou para a Sé de Tolosa.
- 23—D. Vasco.
- 24—D. Lourenço Vicente.
- 25—D. João (V) Garcia Manrique.
- 26—D. Martinho (V) Affonso Pires da Charneca (ou de Miranda).
- 27—D. Fernando da Guerra. Foi bispo do Porto.
- 28—D. Luiz (I) Pires.
- 29—D. João (VI) de Mello.
- 30—D. João (VII) Galvão. Não foi confirmado.
- 31—D. Jorge (I) da Costa, vulgo Cardeal d'Alpedrinha. Foi duas vezes Arcebispo de Braga. Pelos annos de 1488 renunciou em seu irmão D. Jorge da Costa e morrendo este renunciou em 1505 em D. Diogo de Souza.
- 32—D. Jorge (II) da Costa.
- 33—D. Diogo (I) de Souza.

34—D. Henrique, Cardeal-Rei. Pelos annos de 1540 passou para Evora e depois para Lisboa.

35—D. Fr. Diogo da Silva.

36—D. Duarte, Infante. Filho natural reconhecido de D. João III.

37—D. Manoel de Sousa.

38—D. Fr. Balthazar Limpo, que fôra bispo do Porto.

39—D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Veneravel. Renunciou em 1582.

40—D. João (VIII) Affonso de Menezes.

41—D. Fr. Agostinho de Jesus (ou de Castro).

42—D. Fr. Aleixo de Menezes.

43—D. Affonso Furtado de Mendonça. Em 1626 passou para a Sé de Lisboa.

44—D. Rodrigo (I) da Cunha. Em 1635 passou para a Sé de Lisboa, tendo sido antes bispo do Porto.

45—D. Sebastião de Mattos de Noronha. Seguiu-se —Sede Vacante—durante trinta annos.

46—D. Verissimo de Alencastro ou (Lencastre), Cardeal. Renunciou em 1677.

47—D. Luiz (II) de Sousa.

48—D. José (I) de Menezes.

49—D. João (IX) de Sousa. Em 1703 passou para a Sé de Lisboa.

50—D. Rodrigo (II) de Moura Telles.

51—D. José (II) de Bragança. Filho natural reconhecido de D. Pedro II.

52—D. Gaspar. Filho natural reconhecido de D. João V.

53—D. Fr. Caetano Brandão. Fôra antes bispo do Pará.

54—D. José (III) da Costa Torres.

55—D. Fr. Miguel da Madre de Deus. Seguiu-se—Sede Vacante—por causa do schisma nacional.

56—D. Pedro (I) Paulo de Figueiredo da Cunha e Mello, Cardeal.

57—D. José (IV) Joaquim d'Azevedo e Moura.

58—D. João (X) Chrysostomo d'Amorim Pessoa. Pediu renuncia do arcebispado em 6 de novembro de 1882.

59—D. Antonio José de Freitas Honorato. Falleceu em 1899.

60—D. Manoel Baptista da Cunha. Foi vigario geral do Patriarchado e arcebispo de Mytilene, sendo nomeado para a Sé de Braga, em 1899.

VISÃO DOS TEMPOS ANTIGOS

As sete maravilhas do mundo

VII

A estatua de Jupiter em Olympia

A setima maravilha do mundo era ainda, como a sexta, uma homenagem rendida a uma divindade, a mais temida, a mais poderosa. Jupiter, rei do Olympo, possuia na Grecia um grande numero de santuarios; mas o mais frequentado era o de Olympia, na E'lide.

Era sobretudo durante os Jogos olympicos, que se celebravam n'esta cidade todos os quatro annos, na epocha do solsticio do verão, que o templo de Jupiter recebia a visita dos fieis. De todos os pontos da Grecia occoriam á cidade santa.

Os mancebos que desejavam tomar parte nos jogos reuniam-se em Olympia dez mezes antes. Sabe-se como a antiguidade grega honrava a corrida e o salto, o dardo, o disco e o pugilato. Ella não via sómente, na pratica d'estes «sports»—como nós fazemos hoje—um divertimento salutar. Estes exercicios tinham para os Hellenos uma si-

gnificação mais extensa e mais elevada. Os Jogos Olympicos eram verdadeiras festas religiosas, e os jovens gregos criam honrar muito os seus deuses por meio de demonstrações de força physica á porta dos seus santuarios.

A cidade de Olympia era então como a capital mystica do paiz. Sete grandes estradas ligavam-na ao resto da Grecia.

Estas estradas tornavam-se, ás portas da cidade, em encantadoras avenidas, ladeadas de pequenos templos e tumulos, por entre a verdura dos olivae, dos bosques de pinheiros e loureiros. Todas ellas desembocavam no templo de Jupiter. Este edificio de ordem dorica, um dos mais espaçosos da antiguidade, contava 64 metros de comprimento e 27 de largura. Davam-lhe accesso quatro escadarias. A' sua volta estendiam-se magnificos jardins, onde desabrochavam as flores mais perfumadas e raras.

Na vespera dos jogos olympicos, teciam se com estas flores grinaldas e coroas com que se ornava o templo.

O primeiro dever dos vencedores nos differentes jogos consistia em vir offerecer um sacrificio solemne na presença da estatua colossal de Jupiter, maravilha das maravilhas. Esta estatua, sem o pedestal, não media menos de 13 metros de altura. O falso deus achava-se representado assentado n'uma cadeira, obra prima de entalhador. Na mão direita, Jupiter tinha uma Victoria.

Com a mão esquerda apoiava-se a um scepto coroado por uma aguia. O proprio corpo do deus era de marfim, e as suas vestes de ouro cinzelado. Emoldurava-lhe o rosto uma barba espessa e uma abundante cabelleira.

Esta estatua era devida ao cinzel de Phidias. Dizia-se que esta imagem do rei dos deuses feita pelo rei dos esculptores não tinha igual no mundo. O artista tinha-se inspirado em alguns versos de Homero, em que o poeta mostra Jupiter abaixando, no seu furor, as suas negras sobranceiras e por um simples movimento da cabeça abalando o vasto Olympo. Mas o Jupiter de Phidias não era o Jupiter irritado, lançando o raio sobre os mortaes culpados. Não tinha de homerico senão a grandeza e a magestade. A sua expressão marcava antes a dignidade recolhida, a potencia serena.

Era bem essa a imagem do falso rei dos deuses e do falso pae dos homens.

Como todos os verdadeiros artistas, Phidias, chegado ao termo do seu trabalho, não estava plenamente satisfeito.

Ocultou se então atraz da estatua e convidou o publico a entrar no templo.

Muito naturalmente, os habitantes de Olympia não pouparam as criticas. Um achava o nariz muito espesso, outro os olhos muito salientes. Phidias escutou pacientemente estas observações, depois verificou que um certo numero d'entre ellas eram fundamentadas, e retocou minuciosamente a sua obra.

Emfim, quando a ultima cinzelada foi dada, lançou-se de joelhos deante do seu Jupiter e, segundo a lenda, pronunciou esta oração: «Oh rei dos deuses! acceta a minha obra, e, se a julgas digna de ti, permite reconhecê-lo por um signal manifesto.» E eis que no dizer da tradição o céu abre se, o trovão resôa e pelo tecto aberto do santuario, o deus, em signal de satisfação, lança um raio sobre o pavimento.

Todos os gregos compartilharam da impetuosa approvação de Jupiter. Para louvar a obra prima de Phidias, a antiguidade esgotou todas as formas de elogio:

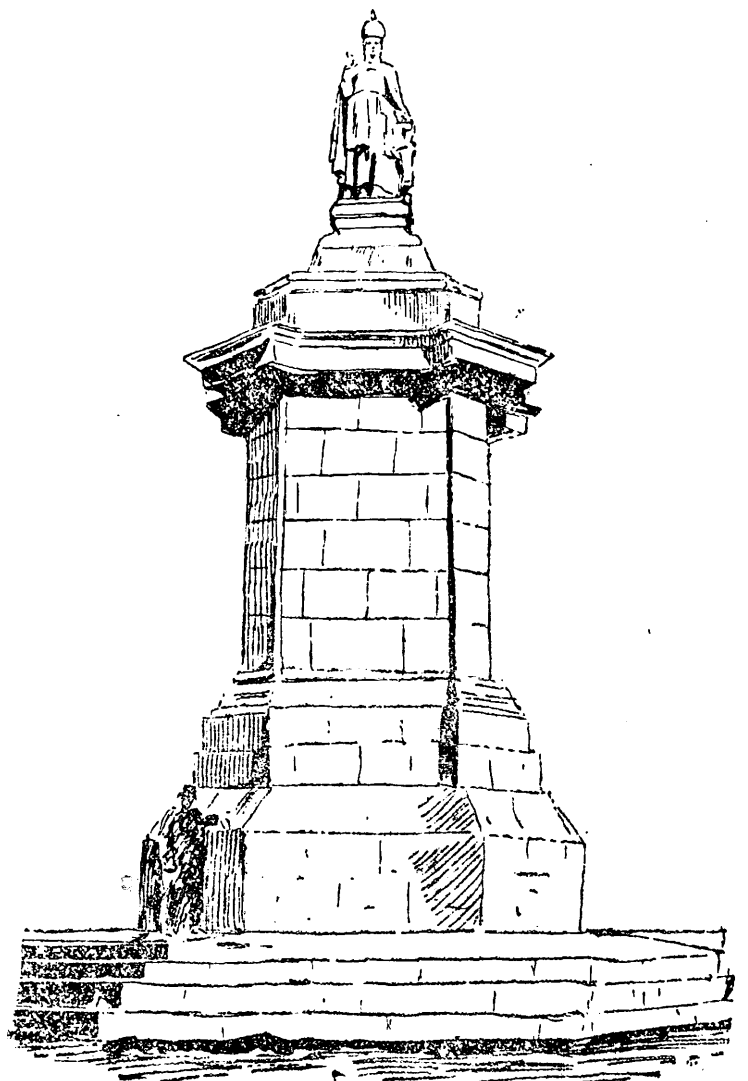
«Ide a Olympia, exclamava Epicteto, para admirardes a imagem de Jupiter, e considerae como uma desgraça morrer sem o terdes visto».

Assim, quando a Grecia cahiu sob o poder dos imperadores romanos, estes formaram o projecto de trazer esta

maravilha do mundo para Roma. Caligula encarregou uma deputação de ir procurar a Olympia a celebre estatua, de lhe adaptar uma reprodução em marfim da sua propria cabeça em lugar da do deus, e trazel-a para Roma. Mas quando os enviados de Caligula penetraram na *Cella* com a cabeça do seu imperador, Jupiter, diz-se, soltou uma gargalhada tão formidavel que os romanos fugiram espantados. Caligula abandonou o seu projecto. O imperador Theodosio foi menos timido. Fez transportar a obra prima de Phidias da Olympia a Constantinopla. Nunca se chegou a encontrar qualquer vestigio d'ella n'esta ultima cidade.

Para concluirmos esta «visões dos tempos antigos», digamos que Victor Hugo fizera d'isto assumpto para a *Légende des siècles*. N'esta grande composição o poeta descreve-as e encara-as sob a sua forma epica. Effectivamente, se actualmente não se encontram vestigios no seu primitivo lugar, sobrevivem ainda pela recordação na imaginação humana.

E' o que acontece ás creações magistraes do espirito humano. Ellas não passam sem que fique após si um sulco radioso. Deixam illuminado para sempre este céu da arte onde brilharam um dia com toda a sua irradiação ideal.



Estatua de Pio IX

LITTERATURA

A carta á Virgem

(Imitação)

Joãosinho, com os seus cabellos louros e encaracolados, os seus olhos azues, grandes, alegres e expressivos, e o seu innocente sorriso, era uma d'essas creanças sympathicas á simples vista e que atrahem mesmo sem serem conhecidas.

Trazia um grande barrete escuro que herdara de seu avô, umas calças rotas em muitos sitios, a blusa remendada com retalhos de varias côres e sapatos que pareciam feitos para outros pés.

Joãosinho, acossado pela fome, pois ia para cima de quarenta horas que não comia, cortado o seu delicado corpinho pelas inclemencias d'uma tarde cruel de março, triste e desamparado, sem saber que fazer nem a quem pedir o remedio para as suas desventuras, resolveu-se a escrever uma carta.

—Ahl dizia consigo Joãosinho (que não sabia ler nem escrever) ella ha de remediar a minha angustiosa situação: mandal-a-hei escrever e deital-a-hei ao correio afim de que chegue hoje mesmo ao seu destino.

O tio Pedro, dono da loja da esquina, era um pobre homem, antigo militar, que, pelos azares da fortuna, se via privado de todos os recursos, havendo chegado até a perder a esperança em Deus e o thesouro da fé, que os seus bons paes depositaram em seu coração quando era creança.

Joãosinho titubeia, aproxima-se da loja; caminha, porém, temerosamente, como se o aspecto do tio Pedro, que fumava o seu cachimbo, lhe infundisse terror. Por fim resolve-se; entra, saúda o vendeiro com o seu sorriso de anjo, e diz com a maior sinceridade:

—Venho cá, tio Pedro, para que me escreva uma carta.

—Chega-te cá, rapazote; porventura serás algum filho de militar?

—Não, senhor; eu sou filho da minha mamã, que está sósinha...

—Bom; mas pagar-me-has tu os vinte reis da praxe? Ou não tens dinheiro?

—Oh, não; eu não tenho nada!

—E tua mãe muito menos, não é verdade?

—E' sim, senhor.

—De sorte que queres uma carta...

—Para pedir pão, tio Pedro.

—Adeante, disse este; por escrever dez linhas e gastar meia folha de papel não ficarei mais pobre... Estamos a 12...

O tio Pedro escreve com a sua bonita letra de tarimbeiro:

«Porto, 12 de agosto de 1904.

—Vamos! que hei de escrever? Ex.^{mo} Snr...» Como se chama?

—Chama-se...

—Pois quem é esse snr.?

—Elle não é um snr...

—Ahl então será uma senhora?

—E'... Não... Quero dizer...

—Então queres dizer que nem tu mesmo sabes a quem vaes escrever?

—Sei, sim, senhor, retorquiu o menino.

—Pois despacha-te.

Joãosinho estava ruborizado como uma romã.

Por ultimo, resolveu-se a declarar-o e disse:

—Queria escrever, tio Pedro, á Nossa Senhora...

—Ahl maroto, exclamou o velho militar em tom pouco amavel, não quero acreditar que pretendas divertir-te com

um velho. Por isso não te prego um bofetão. Ouve, pe-lintra, por alli é a porta; anda, salta para a rua...

O menino deitou-se a chorar, e já ia a sahir, quando o vendeiro, convencido da sinceridade das suas lagrimas, o deteve, dizendo-lhe:

—Vamos, acaba; que queres tu dizer á Virgem?

—Quero dizer-lhe... quero dizer-lhe... que a minha mamã dorme desde hontem á tarde, e eu desejava que accordasse.

O coração do velho soldado estremeceu profundamente; agora comprehendia tudo. No entretanto, decide-se a interrogar-o com mais carinho:

—Dize-me, porque estás sempre a fallar em pão?

—Oh! é porque preciso d'elle. Antes de dormir, a minha mamã deu-me o ultimo pedaço.

—E ella, que havia comido?

—Nada. Ella dizia-me: «Pega, meu filho; eu não tenho fome.»

—E que fizeste, quando a quizeste accordar?

—Fiz como nos outros dias: dei-lhe um beijo.

—E respirava?

Joãosinho sorriu-se com o seu sympathico sorriso, continuando:

—Não lhe sei responder... Creio que não... Mas então a minha mãe respirava sempre?

O coração do antigo soldado inundou-se de immensa amargura. Aquelle menino, sem comparação mais desgraçado que elle, estava exercendo em sua alma uma influencia mysteriosa.

—Meu filho, quando lhe deste o beijo nada observaste?

—Vi só que estava fria... Na nossa casa faz muito frio...

—E ella tremia, não é verdade?

—Oh! não... Estava muito linda, muito linda!... Tinha as mãos sobre o peito, mas muito brancas... Tinha a cabeça sobre a travesseira, um pouco inclinada, e seus olhos, meio cerrados, parecia olhar para o céu...

—Vem cá, meu filho! A tua carta já foi escripta, enviada e recebida.

—Mas, porque chora? disse o menino. Então os homens choram?

—Choram, meu anjo.

—Oh! então tambem quero chorar...

—E porque, meu filho?

—Não sei...

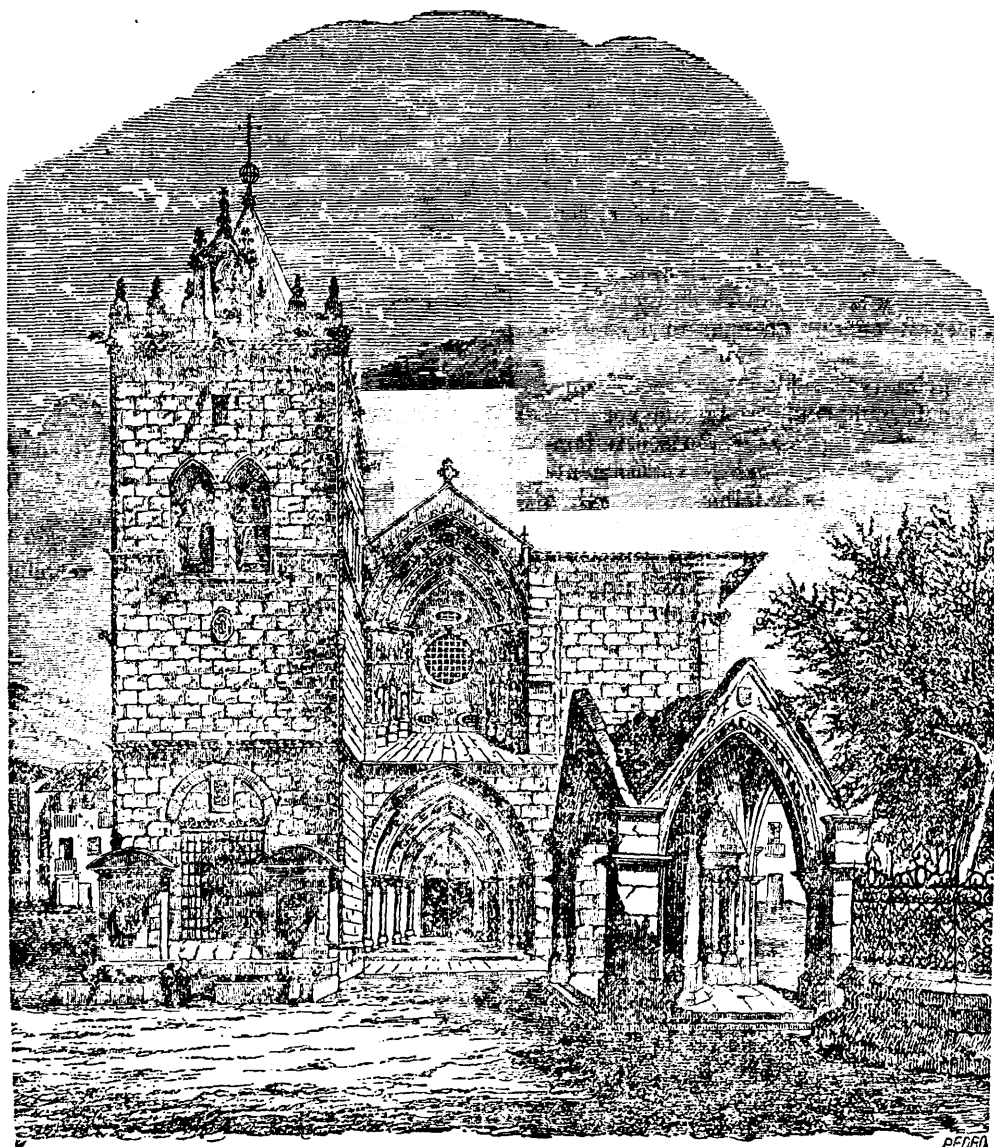
—Sabe, innocente creatura, que desde hoje te amo de todo o coração. Olha para essa imagem da Virgem, a quem eu d'antes accorria como tu, porem que depois olvidei... Por ti, meu filho, mudou-me ella o coração. Eu estarei sempre contigo, infeliz creatura; pois tua carta, que não foi escripta, produziu dois effeitos: a Virgem deu-te um pae, que serei eu... pois tua mãe morreu; e a mim, querido filho meu, deu-me um coração.

AS NOSSAS GRAVURAS

Guimarães: Egreja de S. Francisco

A sua historia perde-se nas brumas do seculo XIII. Conta-se que o beato S. Gualter, discipulo e companheiro de S. Francisco de Assis, lhe dera poetica origem no lugar chamado hoje Fonte Santa, construindo choupanas de troncos e ramos de arvores, onde ahi vivera com mais alguns companheiros.

Mais tarde, depois de mais de uma mudança, levantaram, coadjuvados pela protecção de Innocencio VI, o actual templo e convento no primeiro quartel do seculo XIV, tomando-o D. João I sob a sua protecção,



Collegiada de N. S. da Oliveira

Soffreu varias restaurações, e apesar de muito mutilado, é digno de admirar-se. A sua capella-mór é uma das maiores do reino.

Em 1843 foi-lhe substituido o antigo tecto apainelado pelo que tem actualmente. Digno de ver-se é uma formosa mesa de marmore, marchetada de mosaicos que existe na sacristia.

Guimarães: Estatua de Pio IX

Descreve-a assim a valiosa obra: *Guimarães e Santa Maria*, do rev.^o abbade de Tagilde:

«Em 17 de julho de 1881, dia da festividade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, na cumiada da serra, organisou-se uma comissão presidida pelo arcepreste do districto ecclesiastico de Guimarães, o rev. abbade Antonio Manoel de Mattos, composto de varios ecclesiasticos e outras pessoas respeitaveis de Guimarães, com o fim de levantar no ponto mais alto da formosa montanha, que se eleva a nascente do berço da monarchia, fronteiro ao Sameiro onde se erigira o monumento em honra da Immaculada Conceição de Maria, um monumento que perpetuasse a memoria abençoada do pontifice, que em 8 de dezembro de 1854 proclamara dogma de fé o mysterio,

que desde muito a pia crença dos portuguezes consagrara o immortal Pio IX, o pontifice da Immaculada.

«A comissão, a que prestou relevantissimos serviços de propaganda o *Progresso Catholico*, revista religiosa, de que era, então, editor o vimaranense José A. Teixeira de Freitas, e que foi um dos mais devotados propugnadores d'este commettimento, não descansou nos seus trabalhos, e em 18 de junho do anno seguinte é lançada a primeira pedra do monumento pelo arcebispo D. João Chrysostomo...

«Em 8 de setembro de 1893 realisou-se a inauguração solemne do monumento, cujo pedestal octogonal, com 10 metros de alto por 5 de largo, sustenta a primorosa estatua de 5 metros de altura, esculpturada em marmore de Carrara.

«Esta estatua, que representa Pio IX a abençoar, tendo na mão esquerda a Bulla, que proclamou a Immaculada Conceição, foi dadiva generosa do grande benemerito a que já nos referimos, Fernando de Castro Abreu Magalhães.»

Guimarães: Collegiada de N. S. da Oliveira

Este grandioso e notabilissimo monumento tem uma

longa historia agitada, onde perpassam por detraz do véu poeirento das chronicas as figuras evocadas de guerreiros e monjas. Erguera-o a piedade d'uma princeza, D. Muma ou Mumadona, que, enviuvando, se dedicara á vida monastica, edificando então um mosteiro, que acolheu á invocação da Virgem. N'estes tempos tormentosos da lucta ingente entre o Evangelho e o Alcorão, já protegido o mosteiro com uma tosca muralha, soffreu duas investidas: uma capitaneada por Alccraxi e outra por Almansur, sendo afinal completamente saqueado.

Vindo melhores dias, o conde D. Henrique e o proprio rei D. Affonso Henriques repararam os antigos estragos feitos pelos sarracenos, quando occuparam o castello que lhe ficava proximo.

Conservando a sua primitiva architectura, reedificou-o grandiosamente D. João I, cumprindo assim um voto feito em Aljubarrota. Para isso, dirigira-se então a este templo, entrando n'elle descalço, onde orara fervorosamente e deixara o *pelote* de seda que na batalha vestia sob a cota de armas.

Existe, pois, a igreja restavrada em puro estylo gothico, sendo magestoso o portal da entrada, em arco ogival, bem como os admiraveis relevos da moldura da enorme janella, que se mostra superiormente ao portico, apesar dos verdadeiros vandalismos que em todos os tempos ahi se praticaram.

Tem ao lado da fachada uma torre manuelina, onde se veem os emblemas da dupla corda e das esferas armilares, e como dependencia da igreja, o bello claustro românico que se presume ser o mesmo do antigo mosteiro de Mumadona.

A Collegiada guarda preciosidades artisticas do mais alto valor, obras de ourivesaria sacra, dadas da fé dos devotos, sendo para mencionar-se: a formosissima cruz e custodia de Gonçaleannes; seis castiças de prata lavrada, com a imagem da Senhora da Oliveira, feitos dos onze anjos tomados em Aljubarrota aos castelhanos; os corporaes lavrados com fio d'ouro, que eram do rei de Castella, tomados na mesma batalha, o lampadario grande offerecido por D. João I.

Quando D. Affonso V lançou uma pesada capitação, de 600 cruzados, sobre os conegos, houve risco de perder-se este thesouro. Este rei, para occorrer ás despesas das suas guerras de pretensão á corôa de Castella, ordenou que essa quantia se cobrasse logo, ou fosse tomada em alfaias de valor, valendo a tão feroz imposição a generosidade da duqueza de Guimarães, D. Joanna de Castro, que satisfez a exigencia real á sua custa.

Guimarães: Igreja de S. Miguel do Castello

Situada em lugar solitario, ergue-se esta formosissima igreja a meia encosta nascente da elevação onde assenta o castello.

Diz-se que, apesar das suas dimensões exiguas, já foi a primaz do arcebispado de Braga. Como monumento historico foi n'elle que se baptisou o fundador da monarchia portugueza, n'uma pia baptismal que se encontra na igreja da Collegiada.

Sobre a sua fundação não ha noticia alguma; supõe-se, porém, ter sido edificada no seculo X e reedificada no XIII. Depois de estar abandonada por muito tempo e em ruinas, foi ultimamente restaurada com criterio, conservando-se-lhe os typos architectonicos primitivos.

DE TUDO UM POUCO

Verdade por verdade

Um medico, materialista *pur sang*, fallando uma vez com um zeloso sacerdote, lhe perguntou se continuava a prégar sobre a salvação das almas.

— Continuo, respondeu o sacerdote.

— V. Rev.^{ma} já viu a alma? disse o materialista.

— Não, por certo.

— V. Rev.^{ma} já tocou na alma?

— Nunca.

— V. Rev.^{ma} já saboreou a alma?

— De nenhuma forma.

— E V. Rev.^{ma} já olfactou a alma?

— Não, respondia o cura.

— Pois bem, continuou o materialão, com ar de vencedor, e sorriso incredulo; bem vê V. Rev.^{ma} que os cinco sentidos estão contra a existencia da alma. Deixe-se d'isso!...

Com a mesma facilidade foi respondendo ao doutor o cura.

— E' V. doutor em medicina?

— Sou, sim, senhor.

— Já viu alguma dôr?

— Não; foi a resposta.

— Já a ouviu, ao menos?

— Não.

— Já a cheirou?

— Tão pouco.

— Já tem palpado a dor?

— Tambem não.

— E nunca lhe tem tomado o sabor?

— Não, snr.

— Bem vê o snr. doutor, tornou o padre, que todos os cinco sentidos attestam contra a dor, e todos os dias lida o amigo com ella. Do mesmo modo que o snr. tem a certeza da existencia da dor, toda a humanidade tem a certeza da existencia da alma em o nosso corpo, e esta alma vive; procure, pois, salva-la.

Calendario:

Setembro
1
1904

Morte de Luiz XIV, rei de França em 1715.

Luiz XIV era filho de Luiz XIII, e nasceu em Saint-Germain-en-Laye em 1638.

Não tinha ainda cinco annos quando succedeu a seu pae sob a regencia de Anna d'Austria, sua mãe. Mazarino, elevado a primeiro ministro, continuou a politica exterior de Richelieu, e se a menoridade de Luiz XIV foi agitada pelas luctas do parlamento contra a regencia e pelos tumultos da Fronde, foi tambem assignalada pelas victorias de Rocroi, de Friburgo, de Nordingen, de Lens, coroadas pelo tratado de Westphalia, em 1648.

Dois annos antes da sua morte, Mazarino assignou com a Hespanha a paz dos Pyrinneus, cuja uma das clausulas era o casamento da infanta Maria Theresa com o rei de França (1659). A partir de 1661, Luiz XIV annunciou ao conselho de ministros a sua intenção de reinar d'ahi por diante por si mesmo, e sustentou com effeito durante cincoenta e quatro annos um esforço de vontade e de trabalho de que ninguem o julgava capaz. A phrase celebre: O Estado sou eu! indica bem o principio dirigente da sua politica.

Um dos seus primeiros actos foi a queda de Fouquet, cujas delapidações eram um escandalo publico. Colbert chamado á superintendencia das finanças (1661),

applicou a sua actividade na boa administração dos dinheiros publicos.

E assim, tomou medidas protectoras em favor da agricultura, industria e commercio, trabalhos publicos e marinha, ao passo que Louvois organisava o exercito, e Vanbau fortificava as fronteiras.

Luiz XIV quiz ser tão absoluto no exterior como no seu proprio reino; d'ahi essa longa serie de guerras que deram muita gloria á França mas que tambem acabaram por esgotal-a. O seu reinado teve fim em 1715.

Curiosidades:

Ha quem pretenda que foi Sergio IV o primeiro pontifice que mudou de nome quando subiu ao throno pontifical, mas a sua exaltação é de 1009, e Onofre diz que este uso data de João XII, que, cingindo a thiara em 956, não quiz conservar o nome pagão de Octaviano. Fra Paulo attribue este costume aos papas allemães, porque os seus nomes barbaros soavam mal aos ouvidos italianos.

No meio d'esta controversia o que ha de certo é que os bispos tinham adoptado esta pratica já desde os fins do seculo VII; e que depois do Pontificado de Bento IX em 1033 ha apenas um papa que não mudou de nome ao cingir a thiara. E' Adriano VI, eleito em 1522.

Notas de sciencias:

Lemos n'um jornal hespanhol que um Padre tambem hespanhol, D. José Munoz, descobriu um novo processo para a photographia a côres.

O inventor, apezar de conservar o segredo da sua invenção, permite que o vejam operar.

Emprega as mesmas chapas ordinarias que se encontram no commercio, e submete-as a um banho, cuja composição só elle conhece.

O resultado é admiravel, maravilhoso, em fôres, piazagens, e principalmente ampliações de tamanho natural.

E' um colorido limpido e diaphano, um exacto reflexo do objecto que está em fóco n'uma intensa e real sensação de verdade e de vida.

O inventor tem alguns retratos de Pio X e Affonso XIII que tem sido admirados pelos photographos francezes mais eminentes na arte.

E' mais uma prova de que os Padres andam transviados dos progressos da sciencia.

Pensamentos:

Duas partes ha-de ter a devoção para ser boa: a primeira, sujeição aos pareceres e costumes da Santa Igreja; a outra, humildade, porque onde ha espirito de contenção não ha humildade, sem humildade não ha caridade, sem caridade não ha devoção, sem a qual não ha nenhum bem espirital. — Dr. *Diogo de Paiva de Andrade*.

A devoção perfeita das mulheres é fazer oração a seus tempos e occupar-se em coisas uteis, aproveitando o tempo com uma santa usura que renda para a eternidade. — S. *Francisco de Sales*.

O espirito de oração tem na meditação a sua fonte. Quem não medita, póde orar com os labios, mas não ora do fundo do coração. — Padre *Taparelli*.

Muito convém, para guardar a graça de Deus, fallar pouco da que se tem e trabalhar muito com ella; porque, assim como com o peccar se nos vão os sentimentos da graça, do que temos experiencia, assim com as boas obras se nos accrescentam; e o Senhor tirou ao servo o talento, porque não o negociava, trabalhando. — Beato *João de Avila*.

E' necessario que o homem coopere com a graça divina. Mas de todas as coisas que a este fim poderia fazer, nenhuma é mais facil nem menos custosa, nem mais ao alcance de todos, do que desejar a mesma graça com humilde protestação da propria fraqueza, pedindo-a na oração. — Padre *Rumière*.

Versos escolhidos:

Lagrima celeste

Lá na celeste mansão,
Lá nos azulados céus,
Um dia chorava um anjo,
D'esses que adoram a Deus.

De seus olhos uma lagrima.
Veio á terra derramar-se,
E no calix d'uma flor
Foi tristedepositar se.

E a flor então já fanada
De novo p'r'os céus se ergueu,
Com esta gotta de orvalho
Abriu-se ao sol, reviveu.

Minha mãe, tu és a perola,
Chorada na azul mansão,
E a flor, onde pousaste,
Foi meu pobre coração.

P.

Humorismos:

Um honrado chefe de familia, grande amator da leitura de livros frivolos, ouvia um dia as observações que sua esposa lhe costumava fazer sobre este mau habito.

— Para que serve inquietares-te com este assumpto, terminou por dizer á sua mulher, que mal queres tu que isto me possa causar? *Eu esqueço tudo, logo depois de ter lido.*

— Papá, lhe perguntou então sua filha, que assistia á conversa, que comemos nós no domingo passado?

O pae admirado não sabia que responder a esta pergunta imprevista, e acabou por dizer que de nada já se recordava.

— Pois bem! é assim mesmo, exclama com finura a filha, o papá não se lembra do que comeu e comtudo isso alimentou-o!

Esta replicca tão simples fez sorrir o pae. Abraçou e beijou a sua filha, e renunciou para sempre ás leituras futeis e perigosas.



Egreja de S. Miguel do Castello

RETROSPECTO DA QUINZENA

Guimarães, a nobre terra que se orgulha de ser o berço da monarchia portugueza, celebrou nos dias 14 e 15 de agosto, o quinquagesimo anniversario da definição dogmatica da Immaculada Conceição, d'uma maneira que muito a honra, revestindo as suas festas um apparatus e um brilhantismo, que excederam toda a expectativa.

Guimarães deu publicas mostras de quanto o seu povo é verdadeiramente crente e piedoso, provando muito bem que é digna de possuir a gloria de ter iniciado o culto a Maria Santissima n'esta nossa patria portugueza.

Estas festas, que ficarão indelevelmente gravadas em caracteres de ouro nos fastos vimaranenses, vão ter n'este nosso Retrospecto um pallido relato, reservando-lhe por isso todo o espaço disponivel.

(No d. mingo 11)

A enorme concorrência de forasteiros, que de todas as partes affluira a Guimarães, já era notada desde a vespera, vendo-se as ruas cheias de povo n'um incessante vaevém. As ornamentações das ruas, e, sobretudo, a de Santo Antonio e da Rainha, largo da Oliveira e praça Affonso Henriques, eram simplesmente admiraveis. Por toda a parte drapejavam as bandeiras, brilhavam as colgaduras, e sorriam as flores, dando tudo isto á cidade um aspecto extraordinariamente festivo.

Na Real Collegiada

Foi n'este historico templo que começaram as solemnidades religiosas com a luzida festividade a Nossa Senhora da Oliveira, Padroeira da velha e fidalga cidade.

O vetusto templo achava-se revestido das maiores galas, ornamentado com muito bom gosto e arte, sendo a sua decoração riquissima de sedas e damascos elegantemente dispostos e n'um conjuncto muito harmonioso e distincto. Ao lado esquerdo do templo via-se um elegante andor com a imagem de Nossa Senhora da Oliveira, vestida com uma opulentissima tunica e um riquissimo manto, tudo bordado a ouro. Ao lado direito estava um soberbissimo pallio todo cheio de recamos de ouro, ladeado por lanternas de prata. Todos os altares estavam profusa e bellamente ornamentados e illuminados.

Pouco depois das 10 horas da manhã, estando já o amplo templo repleto de fieis, desceu á igreja a collegiada e mais clero, precedida de cruz alçada e presidida pelo rev.^{mo} D. Prior, a receber o venerando Arcebispo de Braga. A's 10 horas e 20 minutos fazia o illustre Prelado a sua entrada solemne, passando por entre as alas dos fieis e dirigindo-se para a capella do Santissimo, onde fez oração. No côro a orchestra executou magistralmente o *Ecce Sacerdos Magnus*. Depois de ter ido para a sacristia, S. Ex.^a Rev.^{ma} dirigiu-se de novo para o templo, pelas 11 horas menos um quarto, acolytado pelos rev. José Maria Gomes e dr. Miranda. Foram acolytos assistentes os rev.^{os} Conegos Moreira e Vasconcellos; ministro assistente, o rev. D. Prior; ministro do baculo, o rev. Conego Sanches; metretes, o ceremoniante da Sé de Braga e o rev. Padre Lima. Ministro da Mitra, rev. Padre João Ribeiro. Pluvialistas, rev. Conegos Aarão e Ribeiro, Padres Moreira Pinto, Abilio Passos, Gaspar Roriz, Bento José Rodrigues, Domingos Barreirim da Cunha, José Lopes Leite de Faria, dr. Jeronymo d'Almeida, Antonio Carvalho, e João Candido da Silva. Caudatario, o familiar de S. Ex.^a Rev.^{ma}, Padre Ramalho.

Chegado que foi ao altar da capella môr, deu o illustre Prelado começo á celebração do Pontifical.

Durante a cerimonia serviram ás lavandas: ás primeiras, o cavalleiro fidalgo sr. João Simões e dr. Henrique Margaride; ás segundas, os srs. administrador do concelho e presidente da camara; ás terceiras, os srs. governador civil de Braga e visconde da Torre.

Nas bancadas dos convidados viam-se, além dos mezarios da Confraria de Nossa Senhora da Oliveira, entre outras pessoas distinctas, os srs. D. Thomaz de Vilhena, governador civil de Braga, que vestia a sua farda; o sr. visconde da Torre, director geral dos negocios ecclesiasticos e deputado, que vestia a farda de visconde; o juiz de direito e delegado, coronel d'infantaria 20 sr. Silva Dias, tenente-coronel sr. Valença, major Flôres, capitão-medico sr. Araujo, major reformado Dias, capitães do 20, Martins e Mendes, tenente-ajudante Teixeira, alferes Brito, Garcia e Ferreira, presidente da camara dr. Meira, vereadores, Abbade de Tagilde e Alvaro Costa, secretario Gomes e thesoureiro Sampaio, meço fidalgo Simões, dr. Henrique Margaride, dr. Gaspar de Abreu, dr. Antonio Amaral, dr. João de Freitas e dr. Luiz Martins, Vasco Leão, José Pinheiro, Antonio Chaves, Simão Costa, commandante dos bombeiros voluntarios, Rodrigo Dias, dr. Motta Prego, administrador do concelho e secretario Freitas Aguiar, Gualdino Pereira, medico Pedro Guimarães, Padre Hermano e Oliveira Barbosa, etc.

A' 1 hora menos um quarto subiu ao pulpito o rev.^{mo} dr. conego da Sé d'Evora, Bernardo Chousal, que pronunciou um soberbo discurso, deixando as melhores impressões em todo o numero e distincto auditorio.

Findou assim a grandiosa festividade na Real Collegiada. A' porta do templo fazia a guarda de honra uma força de infantaria 20 com a respectiva banda.

A procissão

Por volta das cinco horas da tarde, sahiu a luzida procissão, que foi brilhantissima.

A' frente do prestito ia um piquete de cavallaria, seguindo logo um apparatuso e bello carro allegorico, cujo desenho era devido ao distincto professor do Lyceo de Guimarães, sr. José Pina. Representava a Gloria á Immaculada Conceição, no qual, sobre nuvens, se elevava a imagem da Virgem, ladeada por duas figuras, representando Pio IX, o Pontifice da Immaculada, e João Duns Scoto, o defensor subtil da excellente prerogativa da Mãe de Deus e dos peccadores.

No plano immediatamente inferior, o Anjo Custodio do Reino, e em seguida, assentado em amphitheatro e entoando canticos em honra da Virgem, um côro de nove anjos, simbolo dos nove côros angelicos.

No primeiro plano, do lado da Immaculada, surgia por vezes d'uma nuvem, durante o percurso da procissão, o Archanjo S. Gabriel, que a saudava, cantando em solo o «Deus te salve, ó cheia de graça».

No ultimo plano, duas figuras: uma, representando Portugal; outra, a cidade de Guimarães.

Ao carro allegorico seguiam-se duas extensas alas formadas pelas diversas irmandades, confrarias e ordens terceiras. Por entre essas duas alas estendiam-se cento e vinte figuras em diversos grupos allegoricos, ricamente vestidos.

Seguia-se o riquissimo pallio da irmandade de Nossa Senhora da Oliveira, sob o qual era conduzida a Sagrada Reliquia do Santo Lenho. Oito clerigos revestidos de capas de asperges iam ao pallio, e oito advogados do foro vimaranense, revestidos das suas togas, iam ás lanternas.

Eram estes os srs. drs. Marques, José Lopes d'Oliveira, Luiz de Freitas, Luiz Martins Aldão, Gaspar de Abreu Lima, José da Motta Chaves, Antonio do Amaral e um advogado de Villa Nova de Famalicão.

O pallio era ainda ladeado por uma guarda de honra de sargentos de infantaria n.º 20.

Pegaram ao pallio os srs. governador civil de Braga, visconde da Torre, administrador do concelho, titulares vimaranenses, juiz, delegado e officiaes de justiça, commandante e officiaes de infantaria n.º 20 e outras auctoridades civis e militares. Fechava o prestito uma força de infantaria n.º 20, commandada pelo sr. capitão Affonso Mendes e precedida da respectiva banda de musica.

A procissão recolheu ao templo cerca das 7 ¹/₂ horas da tarde. A' sua passagem estavam as janellas adornadas de colchas e repletas de senhoras. O itinerario foi:

Rua de Santa Maria, Largo Martins Sarmento, Rua de Santo Antonio, Toural, (lado sul), Praça D. Affonso Henriques, (lado sul e norte), Toural (lado norte), Rua da Rainha e Largo da Oliveira.

Exposição de alfaias

Em varios templos de Guimarães estiveram patentes ao publico interessantissimas exposições de alfaias religiosas, que pelo seu valor e riqueza atrahiam a attenção de todos. Por estes dias foi innumeravel a concorrência dos visitantes a estes productos da arte religiosa, notaveis em todo o paiz.

O festival nocturno

Toda a Guimarães ostentou lindissimas illuminações na noite de domingo. E' impossivel dar uma perfeita ideia do brilhantismo que o festival nocturno attingiu. Deixamos á concepção dos nossos leitores, na impossibilidade de o descrevermos. Sempre notaremos que sobresahiram principalmente as illuminações dos largos da Oliveira e do Toural, da praça D. Affonso Henriques, e nas ruas da Rainha, de S. Antonio e de S. Damaso, e no jardim publico a fonte luminosa. A concorrência dos forasteiros a admirar as illuminações pela noite fóra era assombrosa, sendo geralmente difficil o transito pelas ruas, que apresentavam um aspecto feerico.

Na segunda feira (15)

A alvorada d'este dia fóra festivamente annunciada por girandolas de foguetes e pelos hymnos das bandas musicas. Nas egrejas da Collegiada, S. Payo, S. Sebastião, S. Francisco, S. Domingos, Santos Passos e S. Pedro houve communhão geral, computando-se o numero dos que receberam o Pão dos Anjos em cerca de tres mil.

A peregrinação

Pelas 6 horas da manhã já era avultadissimo o numero de corporações religiosas, que com os seus estandartes aguardavam a peregrinação junto do templo de S. Francisco.

A massa do povo começava a affluir, vendo-se o vasto largo D. Affonso Henriques coalhado de gente. Pela ingreme encosta do monte da Penha já era enorme a concorrência, fugindo aos ardores do sol, que d'ahi a pouco se faria sentir. O monte offerecia um effeito bellissimo, pois via-se, listrando-o, uma extensa fita movediça de gente pelos caminhos que o serpenteiam.

Cerca das 7 horas começou a pôr-se a caminho a grande peregrinação, organizada pela ordem seguinte:

A' frente, abrindo alas, um piquete de cavallaria e logo em seguida as seguintes corporações, acompanhadas das suas respectivas bandeiras: Bandeira da Arte dos Curtidores e Surradores com a banda de musica da Povia, Associação de Classe dos Operarios Garfeiros, Associação dos Penteeiros, Circulo Catholico dos Operarios de Guimarães com a sua tuna, Associação de Classe dos Marce-

neiros, Serralheiros do Luiz de Pina, Classe dos Oleiros, Carpinteiros e Caiadores, Associação dos Empregados do Commercio, Associação dos Operarios Curtidores, banda de musica do João Ignacio, Associação Artistica, Congregação de Maria Immaculada de S. Pedro, banda de musica da Sande, Associação do Apostolado do Coração de Jesus de Ponceilo, bandeira da Penha, Associação do Coração de Jerus do Souto, de Moreira de Conegos, de Loredello, de S. Torquato, de Tagilde, de Ronfe, de S. Paio de Vizella, de S. João da Ponte, de S. Martinho de Cando, de Guimarães, Coração de Maria Immaculada das Dominicis, banda de Riba d'Ave, Congregação de Maria Immaculada do Collegio das Dorotheias, e Filhas de Maria de Guimarães, em que iam encorporadas as senhoras mais distinctas e aristocraticas.

Seguia-se um pequenino andor conduzido pelos ecclesiasticos, revs. Padres Carvalho, Ramalho, Lima e Amandio Hermano, em que, sob uma linda almofada de seda, ia a riquissima corôa offerecida á Virgem pelas Filhas de Maria de Guimarães.

Fechava a exiensa e concorrida peregrinação os representantes da grande commissão e a banda de musica Nova Philharmonica Vimaranesense.

Era enternecedor ver passar a grande peregrinação em que se tinham encorporado mais talvez de dez mil pessoas, todas cantando com piedade o hymno á Virgem.

As janellas dos predios da Praça Affonso Henriques, Toural (lado norte), rua da Rainha, largo da Oliveira, rua de Santa Maria, largo Martins Sarmento, rua do Conde D. Henrique, Campo de D. Affonso Henriques e rua da Arcella, estavam perfeitamente repletas de senhoras, sendo lançadas com enthusiasmo flôres e *confettis* de muitas d'essas janellas.

A peregrinação por todas aquellas ruas rompeu por entre uma multidão, que, depois da passagem, tomava os atalhos, dirigindo-se ao Monte da Penha.

A corôa

E' uma joia de um grande valor artistico e real. Foi executada nas reputadas officinas do sr. Manuel Casimiro, de Braga, as mesmas onde se executou a corôa offerecida á Virgem do Sameiro.

A corôa é toda de ouro macisso de um lindo e elegante desenho, com bellissimo e artisticos ornatos de estylo mannelino, rematados em cima com estrellas e rosas; as estrellas representam as estrellas de Jacob e as rosas a Rosa Mystica e com renques de saphiras e rubins e outras pedrarias finas. Tem a corôa dois grandes brilhantes e a toda a volta pequeninos brilhantes como que formando flôres e nos intervallos escudos com as armas de Guimarães, de Nossa Senhora da Oliveira, portuguezas, de Pio IX, do Carmo, da Penha, e as do Arcebispo de Braga e Primaz das Hespanhas.

No circulo da base e em bellissimo esmalte a legenda: 1845—Dadiva das Filhas de Maria de Guimarães—15—8—1904.

Na gruta

Antes de chegar a peregrinação á Gruta, já alli tudo se achava disposto para a celebração da missa campal. O aspecto d'ella era captivante pela singeleza com que havia sido decorada. A's dez horas da manhã avistou-se ao longe a peregrinação muito bem ordenada, e logo um fremito de enthusiasmo se apoderou de todos as pessoas que ahi se achavam. A' medida que ella se aproximava atrovavam os ares innumerous vivas a Nossa Senhora de Lourdes, a Nossa Senhora da Penha, á Immaculada Conceição, a Pio

X, etc. Quando chegou a peregrinação á Gruta era dez e meia, e logo deu-se começo á missa campal.

Offerecimento da corôa

Finda a missa, foi o rev. Padre Francisco Lima, director espirital das Filhas de Maria de Guimarães, quem, tomando a lindissima corôa, subiu o escadorio até junto da Virgem de Lourdes e procedeu á cerimonia da imposição.

Esta cerimonia, singella como é, causou o maior enthusiasmo no meio de *duzentas mil pessoas*, que tal era o computo dos assistentes. Foi uma das maiores manifestações a que então se viu. Vivas e acclamações, drapejar de bandeiras, estralar de foguetes, hymnos das bandas musicas, tudo se misturou n'um grandioso concerto.

Depois do serenar d'aquelle louco enthusiasmo, seguiu-se uma supplica á Virgem, recitada em commum e a offerta d'um riquissimo ramallete á Virgem por uma menina.

Descerramento da lapide

Junto da estatua do immortal Pontifice Pio IX, que se ergue na Penha, foi descerrada pelo sr. D. Thomaz de Vilhena, dignissimo governador civil de Braga, uma lapide com a seguinte inscripção:

AO IMMORTAL PIO IX
HOMENAGEM DOS CATHOLICOS VIMARANENSES
COLLOCADA ESTA LAPIDE
NO 50.º ANNIVERSARIO DA DEFINIÇÃO
DOGMATICA
DA CONCEIÇÃO IMMACULADA DE MARIA
15-VIII-1904

O sr. D. Prior fez uma brilhantissima allocução allusiva ao acto a que respondeu o sr. D. Thomaz de Vilhena. Em seguida a esta cerimonia todo o povo dispersou pelo monte, buscando um pouco de repouso para satisfazer as exigencias da bocca.

Havia, por isso, uma animação geral sem que o menor incidente perturbasse a alegria commum.

Festa do Carmo na Penha

Como constava ainda do programma, celebrou-se na nova capella da Penha a festividade á Virgem do Carmo, começando ao meio dia a missa solemne com exposição do Santissimo, celebrada pelo rev. Padre Carvalho.

Ás 5 horas e meia da tarde saiu uma grandiosa procissão em que se incorporaram os irmãos da confraria da Penha e algumas das corporações que haviam ido na peregrinação.

N'esta procissão ia um lindo andor com a Virgem Nossa Senhora do Carmo da Penha.

Seguia-se-lhe o pallio, sob o qual conduzia o Santo Lenho o rev. Padre Amandio Hermano, acolytado pelos revs. Lima e Francisco Leite de Faria.

Fechava o prestito uma banda de musica seguida de muito povo.

Abalada

Finda a procissão começou então a abalada geral, retirando todos na melhor ordem e com a mais franca alegria. Em todos os rostos transluzia a maior das animações; tudo ia satisfeito com a grandiosidade das festas e por terem ensejo de presenciar uma tal manifestação de fé.

Á briosissima commissão que promoveu as festas cabem os mais alevantados louvores, pois logrou effectuar uma manifestação de fé e amor á Virgem que ficará para todo o sempre memoravel.

EXPEDIENTE

Motivos Imprevistos retardaram consideravelmente a distribuição dos dois ultimos numeros, pelo que pedimos desculpa aos nossos presados assignantes, promettendo para o futuro mais regularidade.

ANNUNCIOS

IMITAÇÃO DE CRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSENIOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.º e Rev.º Sr.
D. ANTONO, BISPO DO PORTO

Preços:

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas.	500 »
Em chagrin, douradas	12000 »

VIDA

DO

GLORIOSO PATRIARCHA S. JOSÉ

Extrahida e reduzida a compendio do que escreveram os Sagrados Evangelistas, Santos Padres e varões pios

PELO

Padre João Baptista de Castro

Preço 500 reis

ORAÇÃO

Á

IMMACULADA CONCEIÇÃO

Para ser recitada durante o seu jubileu
1903-1904

APPROVADA E INDULGENCIADA
(Tradução official)

Preço—Por um exemplar. 10 reis

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.

José Joaquim d'Oliveira
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO
103, Rua do Souto, 105—BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.